

Allegoria das Associações portuguezas no Brasil — Desenho original de Nogueira da Silva

Só a allegoria póde representar n'um quadro muitas acções, para cada uma das quaes fôra mister uma tela separada.

Eis o que fez o nosso imaginoso desenhador, o sr. Nogueira da Silva, compendiando na estampa que se está vendo, os actos de patriotismo e de beneficencia praticados pelas diversas associações portuguezas que se tem instituido no imperio do Brasil.

O pensamento, e já agora projecto, de confederar todas as associações que existem no Rio de Janeiro, pensamento por que tanto tem pugnado o incansavel director geral da «Madrépora», suggeriu aos editores d'este semanario a idéa de as symbolisar no quadro que devemos ao primoroso lapis do nosso artista.

Alli está commemorado o valioso donativo com que os portuguezes estabelecidos na capital d'aquelle imperio concorreram para se reparar a nau *Vasco da Gama;* para se levantar em Lisboa um monumento a Camões: e ultimamente para a estatua de D. Pedro v, na cidade do Porto, cujo modelo, offerecido pelos artistas da mesma cidade, se vê no salão do «Gabinete Portuguez de Leitura.»

Na eschola que alli está desenhada, se memora o incentivo e auxilio que presta a sociedade «Madrépora» ás de instrucção primaria, n'este reino [1]; e ao lado esquerdo o retrato del-rei D. Pedro v, offerecido por esta generosa sociedade á eschola do real palacio de Mafra, fundada pelo mesmo soberano. À direita está a mimosa offerenda com que a referida sociedade brindou os tres primeiros expositores nacionaes que foram premiados na exposição industrial portuense de 1861 [2]; e depois symbolisado o soccorro pecuniario com que as diversas associações acodem aos portuguezes que necessitam de regressar á patria, e não tem com que pagar a passagem: e tambem para os libertar de contratos onerosos que foram obrigados a assignar emigrando para o Brasil.

[1] Vid. nas capas dos cadernos mensaes do *Archivo*, os nomes dos mil alumnos premiados annualmente por esta sociedade.

[2] Vid. o artigo e gravura a pag. 4 d'este vol.

O enfermo tratado na doença com verdadeira caridade, que na gravura se desenha, recorda-nos os hospitaes portuguezes instituidos em varias provincias do Brasil, onde os nossos compatriotas desvalidos acham conforto, e todos os commodos que lhes ministra a beneficencia de seus irmãos abastados. O sumptuoso edificio do hospital portuguez do Rio de Janeiro acha-se esboçado na extremidade inferior do quadro. [1]

Todas as acções representadas n'este painel estão orladas e ligadas por madréporas, symbolo de quanto póde a união e perseverança de muitos, embora pequenos e humildes. É tambem uma homenagem prestada á benemerita sociedade que tomou a denominação d'esses incognitos obreiros, cujo trabalho é dos mais admiraveis de toda a creação. E pois que a esta sociedade pertence a idéa de ligar e confederar todas as associações portuguezas do Rio de Janeiro, bem cabida é a symbologia que se lhe deu n'este quadro.

Temos feito bem sensivel, nos parece, a allegoria que representa a gravura, e o intuito de gratidão publica aos nossos irmãos residentes no Brasil, com que os editores d'este semanario lh'a dedicam. Agora passaremos a dar conta a nossos leitores de uma nova instituição, creada de improviso pelos nossos compatriotas estabelecidos no Rio de Janeiro.

Quando os artistas portuenses projectaram levantar uma estatua ao chorado monarcha, cuja memoria passará abençoada de geração em geração, el-rei D. Pedro V, invocaram o concurso pecuniario da «Sociedade Madrépora». E não foi em vão. Agradecidos, fizeram-lhe presente de um modelo em gesso da estatua que se ha de fundir.

A direcção da Sociedade Madrépora, consequente com o pensamento de confederar todas as associações existentes n'aquella capital, entendeu, que tão significativa offerenda pertencia á principal associação do Rio, o «Gabinete Portuguez de Leitura» pois que a ella compete collocar-se á testa da projectada reforma.

Por este acto se reconhece que a Sociedade Madrépora não quer glorificar-se em detrimento dos seus designios. O resultado d'esta abnegação correspondeu exuberantemente ao intento com que foi premeditado, como veremos pelo decurso d'esta narrativa.

Acceitou a directoria do «Gabinete» com ufania esta dadiva, e traçou o programma para que a regia estatua fosse inaugurada solemnemente no salão de leitura.

No dia 31 de maio passado, pelo meio-dia, reuniram-se no edificio da sociedade, o ministro de Portugal, sr. José de Vasconcellos; consul geral, sr. Duarte Nazareth; a officialidade da corveta *Bartholomeu Dias;* as directorias das differentes sociedades portuguezas; e mais de oitocentas pessoas de todas as classes e gerarchias.

Corridas as cortinas que occultavam a estatua, pelo nosso ministro, consul geral, director geral da «Madrépora» e vice-director do «Gabinete», rompeu a musica do primeiro regimento de fuzileiros o hymno de D. Pedro V; e depois proferiu o vice-presidente do «Gabinete Portuguez» o panegyrico do augusto monarcha representado n'aquelle simulacro.

Seguiram-se a orar: os srs. Machado Reis, e J. J. Duarte, directores da «Sociedade Madrépora», o sr. Lima Camacho, representante da Sociedade «Portugueza de Beneficencia», o sr. F. Paz em nome do «Retiro Litterario», o sr. Victorio da Costa por parte da sociedade «Primeiro de Dezembro; e os srs. Lobo Pessanha e Fernando Castiço, jornalistas portuguezes bem conhecidos.

O ultimo discurso, porém, foi de maior alcance, pela proposta com que rematou.

Referimo-nos ao que proferiu o sr. commendador Reinaldo Carlos Montoro, presidente honorario do «Gremio Litterario Portuguez».

Depois de tecer com verdadeira eloquencia, e saudosa commemoração, o elogio de D. Pedro V., terminou com estes memoraveis periodos:

«A nação que tomar por modelo um principe christão, enriquecido de todas as virtudes d'alma, poderá centuplicar-se pela sublimidade dos seus actos, e deixar na memoria dos povos uma recordação tão grande como as mais illustres.

«Aqui mesmo, n'esta hora, em breves momentos podeis dar uma prova d'essas qualidades generosas. Em quanto aqui nos reunimos para uma festa nacional, em quanto aqui ostentâmos as galas da riqueza, os sorrisos de uma existencia prospera, quantos irmãos nossos não gemem fóra da patria, sobre a enxerga da miseria; quantos não voltam os olhos saudosos para essa mesma patria, ao aproximar da hora solemne das ultimas despedidas, e em vão a querem aproximar de seus braços! Nunca mais a verão, porque nós, irmãos desapiedados, os desamparâmos no leito do soffrimento; porque temos dinheiro, generosidades, dedicações para as reuniões publicas que nos dão honra, gloria, satisfação á vaidade, á luz publica, e não temos nem ao menos uma recordação caritativa para os desgraçados que soffrem ás occultas, longe dos olhos d'aquelles que nos podem dar nomeada!

«Reunamo-nos, senhores, para fundar uma vasta associação de soccorro geral aos portuguezes. Não seja esta fundação um altar erguido á vaidade. Não haja assembléas nem distincções, nem annuncios pomposos; á sombra, escondendo a dadiva mensal, depositemos o nosso óbulo em mãos dedicadas, e assim salvemos os deveres da nossa consciencia e a dignidade nacional.

«É perante este vulto do principe da caridade, é ante a estatua do Senhor D. Pedro V, o amparo dos desvalidos, o valedor de todos os infortunios ignorados, que eu invoco a vossa dedicação nacional, as vossas virtudes christãs. Seja esta fundação o tributo solemne que presteis á sua memoria; ligue-se o nome do Senhor D. Pedro V ao maior testimunho da nossa caridade, e estou certo que as suas cinzas, aggregando-se ao mausoleo de pedra que as encerra, revestirão outra vez as fórmas augustas que vós veneraes, e virão abençoar os seus filhos queridos, os seus portuguezes que elle tanto amou!»

Taes vozes não podiam deixar de fazer echo em corações philantropicos e generosos como os que alli estavam reunidos, para prestar homenagem á memoria do soberano que dera, em vida tão breve, repetidos testimunhos da grandeza do seu animo.

O discurso do conselheiro Montoro fôra victoriado com geraes apoiados; e então o nosso zeloso consul, o sr. Nazareth, pedindo attenção, convidou o auditorio a sanccionar a proposta do orador pela inscripção immediata dos fundadores da «Caixa de Soccorro». Entre applausos se procedeu logo á inscripção, que em poucos minutos contava já perto de 400 nomes. Estes signatarios foram considerados como socios fundadores, encarregando-se de listas para mais subscriptores.

Nenhum monumento de quantos se levantem á memoria de Pedro V póde ser mais grato á sua alma que este, porque é representativo da virtude que mais a exornou. Sob a invocação do seu nome, e á vista da sua effigie, se ergueu este novo padrão da fraternidade dos portuguezes no Brasil, acto de generosa espontaneidade, pelo qual fundaram um grande instituto de soccorro mutuo.

O salão onde se inaugurou a estatua esteve patente até ao dia 4, tocando ás noites a musica do vapor de guerra *Bartholomeu Dias*, que se achava surto n'aquelle porto, sendo constantemente numerosa a concurrencia. No dia do encerramento d'esta solemne ex-

[1] Vid. gravura e artigo a pag. 105 e 106 do vol. v.

posição, houve nas salas do «Gabinete Portuguez» um sarau musical, em que tomaram parte os nossos artistas, Arthur Napoleão, Croner, Celestino e Miguel Angelo, a que se juntou o distincto brasileiro Muniz Barreto. N'esta noite as salas mal poderam conter a concurrencia, que era realçada pela presença de mais de cem damas, a maior parte das familias dos accionistas do «Gabinete Portuguez».

Para cerrar tão esplendida festa, no dia da inauguração havia á porta uma bolsa, onde quem queria deitava o seu donativo para auxilio da obra da estatua que os artistas portuenses vão levantar na praça da Batalha. Produziu esta voluntaria collecta dois contos de réis, moeda do paiz, que a direcção da Sociedade Madrépora, que a promoveu, enviou aos mesmos artistas, com a seguinte carta:

«Compatriotas e amigos — É a Sociedade Madrépora quem d'esta vez vos deve escrever, para que o jubilo de que se acham possuidos todos os seus membros possa ser transmittido aos artistas d'essa cidade, principalmente áquelles que conceberam e executaram o magnifico projecto de erigir uma estatua ao sempre chorado rei o senhor D. Pedro v.

Se levassemos ainda n'este caso o nosso excesso pelo incognito, ao ponto de esconder o enthusiasmo, e desdenhar a satisfação que nos acompanha, cairiamos de certo no estoicismo ridiculo, e ostentariamos sem réplica uma falsa modestia.

Não nos vangloriaremos d'essa frieza estoica que de certo não possuimos, nem de certo desejámos alcançar. O jubilo que nos traz a esta manifestação, tão franca e simples, pertence mais á nação, ou ao bello caracter portuguez, do que ás nossas individualidades, e por conseguinte não poderiamos ser reservados sem comprometter a consciencia com uma grave falta.

Vamos portanto correr o risco de exaltar talvez aquillo que fizemos relativamente á inauguração da estatua do senhor D. Pedro v, com que nos presenteastes, mas não duvidâmos que sabereis extremar a quem se dirigem os elogios, e d'onde procede a nossa principal satisfação.

Deveis ter em memoria o que vos dissemos, que ainda depois de morto esperavamos maravilhas do nosso muito amado rei, e é por se ter realisado este prognostico, que sentimos as côres do nosso futuro abrilhantadas, a nossa mente allumiada, o coração transbordando-nos de gratas esperanças, e por fim esta exaltação que nos acompanha. Com effeito, a magica influencia d'essa bella alma, que pareceu personificar o sentimento do bello, verifica-se de um modo que ultrapassa as previsões mais amigas e enthusiastas. Póde-se quasi affirmar que ainda existe entre nós; por quanto, continuando a render tão elevado preito á sua memoria, isso bastará para que mesmo apesar nosso sejamos impellidos para os altos destinos a que elle aspirava levar-nos, e pelos quaes se dedicou com tão sublime heroismo.

Funda-se n'isto o nosso contentamento. Os portuguezes erguem-se com effeito do seu criminoso lethargo: o grande neto de D. Duarte aproveitou ao seu seculo.

Tendes as provas na quantia que agenciámos para auxiliar-vos na feitura do monumento que estaes levantando á memoria de tão excelso principe, e que vos remettemos por este paquete. É um conto de réis fortes, e não foi pedida. Um sentimento de ternura e saudade — as virtudes do Muito Amado — é que levaram milhares de portuguezes a contemplar a sua estatua, e ahi, n'uma bolsa que se achava proxima, depositaram, sem que fosse visto, o que quizeram. Nem as vaidades do mundo, nem as influencias dos homens, que sempre valeram mais do que a virtude, concorreram para tão honroso resultado.

Tudo foi obra da sua grata memoria, foi ella que proporcionou aos portuguezes tal honra e gloria!

Não vos diz tambem a consciencia que este espectaculo é magico? Não pensareis tambem, que talvez por um milagre da evangelica dedicação que elle tinha pelos seus subditos, se ache o seu benefico espirito derramado no ar que respirâmos? Mas não ficam aqui os prodigios da invocação do seu nome.

A fundação de uma Caixa de Beneficencia, onde os nossos compatriotas necessitados podessem achar soccorros, era urgentemente requerida; estava na mente de todos, e particularmente d'esta sociedade, visto que as sociedades que aqui temos com taes titulos, se acham quasi todas transformadas em associações de soccorros mutuos.

Seria talvez difficil reunir um numero sufficiente de individuos para apenas se tratar do objecto, por ser necessario desvial-os de suas occupações.

Era propicio, porém, o dia da inauguração, pois que o nosso vasto Gabinete Portuguez de Leitura regorgitava de espectadores, entre os quaes se achavam o nosso ministro, o consul, o commandante e officialidade da corveta «Bartholomeu Dias», o visconde de Souto, e todos aquelles que mais se tem distinguido pelo amor ás nossas coisas.

A occasião não foi perdida. Um moço prestimoso e talentoso dos que aqui temos, lembrou a idéa, o consul juntou-lhe o prestigio do seu nome, recommendando-a como necessaria, e desde esse instante póde julgar-se constituida a Caixa de Soccorros de D. Pedro v.

Exultae, portanto, artistas! A vossa idéa do monumento, e a perseverança que tendes tido para realisal-o, tem de erguer-vos á gloria como benemeritos da patria. Persisti fraternalmente unidos á volta d'esse incentivo do trabalho: nunca o esqueçaes, pois que será assim (depois do que tendes feito) que vos tornareis dignos do Vosso Real Amigo; e quem d'elle for digno, nada mais tem a desejar para si, nem a patria que exigir d'elle.

Nós escusâmos de repetir-vos quaes são os principios que professâmos como associação. Sempre juntos de vós, porque sómente a instrucção poderá fazer que seja aproveitado o vosso trabalho, intelligencia e actividade, bem podeis julgar o prazer com que vos auxiliâmos.

Mas não tomeis isto como um auxilio. Fraternalmente unidos para o bem commum da nossa patria, a parcella de gloria que vos toca, por terdes levado a effeito a arrojada obra que estaes prestes a concluir, vos é retribuida pelos portuguezes que aqui residem.

Rio de Janeiro 7 de junho de 1863.

A Sociedade Madrépora.

Sem desconhecer os relevantes serviços que a patria deve ás diversas associações portuguezas existentes no Brasil, e em geral a todos os nossos compatriotas alli estabelecidos, não podêmos deixar de especialisar a benemerita Sociedade Madrépora, pelos relevantissimos que tem feito em tão poucos annos, sendo a ella que se deve a fundação que hoje annunciâmos e applaudimos, por haver tirado tão auspicioso partido da offerenda que recebeu dos artistas do Porto; e invocado, com tanto fervor e esperança, a saudosa e benefica memoria de D. Pedro v a favor dos desvalidos.

Nenhuma alli tem um compromisso tão vasto, nem tão applicado ao desenvolvimento das artes e das letras em Portugal, já em parte observado religiosamente.

Faça Deus que vinguem e prosperem todos os patrioticos intentos de tão honrada e civilisadora associação!

MONUMENTO DE D. DINIZ

Conserva-se em bom estado este curioso padrão, apesar da sua muita antiguidade. Não é isto um successo vulgar na nossa terra, onde o alvião sacrilego tem derrubado tantos monumentos historicos e artisticos.

Não pensem, porém, os adoradores exclusivos do passado, que só os da geração presente tem manejado esse alvião. São complices n'esse attentado contra a historia e contra a arte, mais ou menos, todas as gerações que nos precederam na posse d'este abençoado torrão. Ha sido um como peccado original, que desde a invasão romana tem passado de paes a filhos até aos nossos dias.

Os romanos vingaram-se da resistencia obstinada que encontraram na Lusitania, incendiando-lhe as povoações, e arrasando as fortalezas, ou guaridas, onde os lusitanos defendiam até ao ultimo trance a independencia da patria.

Caíu Roma ao vigoroso impulso dos povos do norte, que a seu turno se vingaram de mil affrontas recebidas em longo curso de tempo, destruindo quasi tudo quanto podia lisonjear a vaidade dos seus inimigos, e recordar a extincta grandeza dos antigos dominadores do mundo. Assim a entrada d'estes povos na Lusitania ficou assignalada com a devastação dos padrões que commemoravam o governo dos romanos.

A estrella dos visigodos, aos quaes tinha cabido em sorte o senhorio da peninsula iberica, tambem um dia se eclipsou. Os arabes, cobiçando um clima mais temperado, atravessaram o estreito de Gibraltar, e vieram sepultar nos campos do Guadalete a monarchia dos godos a par do corpo do seu ultimo rei. Os arabes tambem saciaram nos edificios dos godos o seu odio contra os christãos. Mas, como não tinham tantas injurias para vingar, pouparam alguns apropriando-os ao seu uso.

Não tardaram os opprimidos a erguerem o estandarte da independencia contra os oppressores; e de um pequeno núcleo de resistencia, que formaram entre as brenhas de aspera serrania, surgiram reinos christãos uns após outros. Nas orlas d'esses reinos creou-se o condado de Portugal, que a espada invencivel de D. Affonso Henriques estendeu e fez reino. Proseguindo seus successores n'esta gloriosa tarefa expulsaram do solo portuguez as meias luas serracenas; e no seu rancor contra os sectarios de Mafoma, apenas deixaram de pé os castellos e algumas mesquitas, porque os primeiros lhes serviam para a defensa do paiz, e porque converteram os segundos ao rito catholico.

Mas nem a séde de vingança dos romanos contra os lusitanos; nem as represalias dos barbaros do norte contra os romanos; nem o odio dos arabes contra os godos; nem o rancor fidagal dos cavalleiros da cruz contra os moiros, conseguiram expurgar este nosso solo de todas as reliquias que attestavam a dominação e o estado de civilisação de cada um d'esses povos que senhorearam este paiz.

O que não alcançaram essas paixões violentas, accendidas no fogo dos combates, alimentadas pelos preconceitos religiosos, e embrutecidas pela barbaridade dos tempos, tem-n'o logrado pouco a pouco a ignorancia de uns e a indifferença de outros.

Antes de D. João III mandar demolir o bello arco triumphal de marmore, que Sertorio erigíra na praça de Evora; antes de seu irmão, o cardeal infante D. Henrique, ter desfeito o soberbo templo romano do Deus Endovelico, para ornar com as suas numerosas columnas de marmore o collegio dos jesuitas de Evora, fundação sua; antes do duque de Bragança D. Theodosio I ter acabado com os preciosos restos do templo romano das cercanias de Terena, para com os seus despojos enriquecer o convento de Nossa Senhora da Graça de Villa Viçosa, jazigo de sua augusta familia; antes d'estas devastações já egual furor vandalico tinha feito desapparecer os derradeiros vestigios de muitas cidades, que floresceram sob a protecção das aguias romanas, e de não poucos monumentos levantados por mãos de godos e de arabes.

Depois... oh! não fallemos n'isso! Cada seculo que ia correndo eivava-nos de anno para anno, cada vez mais, d'essa raiva demolidora, que chegou em nossos dias quasi a parecer uma febre contagiosa, que, infelizmente, ainda nos não largou de todo.

A unica epocha de verdadeira civilisação para Portugal, relativamente ao assumpto que nos occupa, foi a de D. João V. A creação da academia real de historia portugueza, e o decreto que mandava conservar cuidadosamente no estado em que se achassem todos os padrões de antiguidade que existissem então no reino, e os que se viessem a descobrir, impondo diversas penalidades aos contraventores, fazem só de per si o elogio do monarcha que assim soube attender ás glorias nacionaes, reunindo ou salvando ao mesmo tempo mui importantes elementos para a historia patria e para o estudo das artes.

Este santo fervor morreu com o soberano que o alimentára. Seu filho, el-rei D. José, a cujo aceno os portuguezes tão desassombradamente avançaram no caminho da civilisação, não seguiu todavia n'aquelle ponto o trilho de seu pae. Além de outros factos que podiamos referir, lá o vemos destruindo o castello de Coimbra, o glorioso theatro da honra e lealdade de Martim de Freitas, para construir no seu logar um observatorio, que mal subiu acima dos alicerces, como se o intento consistíra tão sómente em anniquilar aquelle brazão da fidelidade portugueza.

O reinado de D. Maria I não foi mais isempto d'estes crimes archeologicos. Bastará citar o que se commetteu em Santarem, quando, por occasião de uma visita que a soberana fez a esta villa, se deitou abaixo, para dar passagem ao coche real, a cadeira ou pulpito de pedra que resaltava de um angulo do antiquissimo templo de S. João de Alporão, outr'ora convento juridico, e d'onde os pretores romanos publicavam as leis do imperio.

Do que se fez sob o governo de D. João VI póde servir de medida o procedimento do mesmo governo ao descobrir-se em Lisboa nas visinhanças da sé um rico theatro romano. Se mão curiosa não tivera desenhado, descripto, feito gravar, imprimir e publicar em um folheto o que por ordem da auctoridade se mandou entulhar de novo, poucos se lembrariam, e em breve se ignoraria, que fazendo-se uma excavação n'esta capital se achou um theatro, com bellas columnas de marmore, e outros objectos de arte romana, além de grande quantidade de medalhas.

D'estes tempos de agora é bem escusado citar factos. Quem ha ahi que ignore o que tem feito o camartello, derrocando, e o pincel, caiando e occultando!

Não se admirem pois os nossos leitores de que exultemos ao ver incolume, em meio de tanto vandalismo, uma antigualha como a que está representada na gravura que publicâmos.

Talvez deva em parte a sua conservação a estar um pouco afastada das vistas, no monte sobranceiro ao convento de Odivellas. Talvez tambem a deva em parte a certo respeito religioso que lhe consagram os povos d'aquelles arredores, ou por affeição á memoria do bom *rei lavrador*, ou por acatamento ao esposo da rainha Santa Isabel.

Da historia e descripção do monumento já dissemos alguma coisa no fragmento do nosso *roteiro de Lisboa* sobre antiguidades. [1]

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 356 do vol. V.

HISTORIA DE UMA PORTA

I

Fui a uma aldeia, pendurada de uns rochedos de Barroso. Bragadas era o seu nome. Chamavam-me alli as trutas do rio Beça, as maiores trutas dos córregos riquissimos de Portugal.

Distanciei-me duas legoas de casa, e fui soprendido pela noite, debruçado por sobre uma fraga, com o anzol n'uma levada, onde vi uma truta velha, de cabellos brancos, como lá dizem.

D'esta macrobia se dizia que tinha impunemente ingulido anzóes! O peixe era um Mithridates da sua classe.

Assustado da noite, e transviado do caminho, fui dar áquella aldeia, e perguntei a um pastor se lá havia padre. Casa de padre é sempre albergaria certa de forasteiros, mesa farta, e cama limpa. Não havia padre em Bragadas.

— Quem me dará agasalho n'esta povoação? — perguntei ao pegureiro informador.

— Quem quer lhe dá agasalho.

— Mas onde hei de ir bater?

— Vá vmc. por esse quinchoso abaixo; lá ao todo fundo carregue á sua esquerda, e salte um portello que não tem que errar. Vmc. vae rebentar mesmo á porta do tio João Barroso.

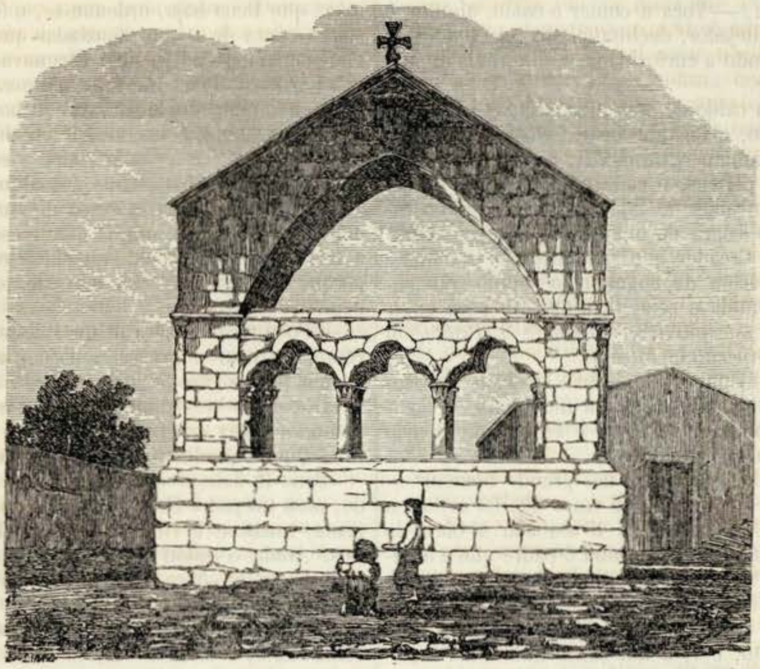
— Rebentar?! — articulei eu, assustado da prophecia.

— Sim, á porta do tio João Barroso, que é o lavrador maior da freguezia.

Rebentar, felizmente, era synonymo de saír ou chegar.

Rebentei, pois, á porta... Á *porta?* Hei de eu chamar porta a isto?

Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham



Monumento de D. Diniz

visto. Um luar brilhantissimo alumiava a vulto aquelles rendilhados, festões, laçarias, refendimentos, figuras e relevos do mais luxuoso cinzel. Era alteroso o portão. As hombreiras eram columnas recebendo nos capiteis uma cúpula triangular recamada de florões, com grande folhagem, d'onde surdiam anjos dedilhando cytharas, e outras figuras emblematicas, que eu não enxerguei se eram faunos ou santos.

N'este espasmo estava eu, quando d'uma barroca proxima me saíu um lavrador com uma gabada de canas-milhas, sobraçada, e sacola ao hombro.

— Guarde-o Deus! — me disse elle.

— Muito boas noites, respondi, descobrindo-me.

— Quem busca?

— Ia bater n'esta porta, para pedir ao dono da casa o favor de me dar agasalho.

— Levante o gramêlho, e entre. O dono da casa sou eu. Vmc. é caçador?

— *De cana, que come mais do que ganha*, diz lá o ditado.

— É de longe?

— Sou da Ribeira.

— Longe veiu!... Mas vmc. está muito sêcco.

— Estou sêcco?!

— Sim; diz lá o outro: *não se pescam trutas a bragas enxutas...* Não o vejo molhado!

Tinhamos entrado na cozinha.

— Sente-se — continuou o lavrador — esteja a seu gôsto. Se quer tirar os sapatos, arranjam-se-lhe uns soccos. Ponha-se em mangas de camisa, á vontade; aqui não ha politicas.

Agradeci o supplicio dos tamancos, e mantive a decencia da jaqueta.

— Vmc. parece que estava a gostar das figurinhas do portão? — disse o sr. Barroso.

— Estava a admirar.

— As figuras são os doze apostolos e os anjos. Aquillo está bem feito d'uma vez, heim?

— Nunca vi coisa melhor! mas...

Sustive-me. Eu ia perguntar ao hospedeiro dono d'aquelle magnifico portal, como era que a fachada do edificio escondia uns quasi pardieiros, uma cozinha terrea, e uns sobrados com umas janellas de pedra bruta, e portadas de madeira nem sequer desbastada pelo cepilho! Pareceu-me indelicada a pergunta, e esperei explicações.

— Mas é que estava sómente começada a obra... — acudiu o lavrador adivinhando a pausa. — Assim ficará até ao fim do mundo, que o portão só póde caír quando o mundo tiver *sua* fim.

— Pois é pena! — disse eu — Uma obra d'aquellas não devia estar sumida n'estas serras. Eu vim de Lisboa, ha sete annos, não me lembro de lá ter visto architectura mais magestosa.

— De lá vieram seis obreiros e dois annos trabalharam n'essas pedras... Era eu da sua edade pouco mais ou menos. Ha cincoenta e seis annos que a obra parou.

— Mal haja quem a fez parar! — interveiu uma velha, que devia ser a consorte do sr. João.

— *Amen!* disseram dez ou mais familiares, que por alli estavam deitados ou sentados sobre os escanos e bancos.

— Tantos demonios lhe chorrisquem a alma, como de... — acrescentou um ancião de aspecto encorreado, e cans estopentadas.

— Cale-se lá, tio José! — disse o velho — Deus lá sabe o que faz... — Toca a comer o caldo, ajuntou o sobrinho do praguejador, declinando do assumpto, que me estava incitando a curiosidade, muito mais do que a ceia o appetite.

A ceia era um caldo de castanhas piladas bem adubadas de toicinho, e toicinho bem assasoado de batatas, a que lá chamam *castanholas*.

Démos graças a Deus, e cada qual foi á sua cama. Para homens cançados do lidar do dia, o somno reparador traz-lh'o como doce mimo a natureza bemfazeja, e leal ao Creador que sanctificou o trabalho. Estes não carecem de engalhar o somno com palestras, nem, comida a ceia, ficariam alli para ouvir propriamente *as sete partidas do conde D. Pedro*, ou a *historia da imperatriz Porcina*.

— Venha d'ahi vmc. — me disse o sr. João Barroso, guiando-me, com uma candeia, a um quarto de cantaria, com firmamento de ripas e telha, intermeado de colmo e loisa.

— Aqui dormiu dez annos um grande homem! — disse o lavrador — Ámanhã, se vmc. não for cedo, eu lhe direi como foi começada e acabada a obra do portão. N'essa cama é que dormia o padre que a mandou fazer. Toca a socegar. Com bem passe a noite. Apague a candeia antes de pegar a dormir.

Antes de me deitar nos alvissimos lençoes, olhei em todo o quarto, e vi a um canto uma rima de livros. Fui examinal-os e achei breviarios, ripansos, um *Flos Sanctorum*, uns doze volumes em hespanhol d'um Saavedra, um Calepino, a *Recreação Philosophica* do padre Theodoro de Almeida, e outros que esqueci, menos as *Peregrinações de Fernão Mendes*, que levei commigo, para, como de facto, adormecer na primeira pagina, e dois *in folios* com os quaes fiz travesseiro. Ao romper da manhã, acordaram-me as marradas dos bodes, cuja córte era debaixo do meu quarto, e o balar das ovelhas, que moravam defronte, e o mugir das vaccas, que deviam morar perto, e o chilrar das andorinhas, que tinham seu ninho no friso da cimalha.

Levantei-me; e como não visse lavatorio, nem agua, nem toalha, saí a lavar-me na fonte, que estava perto, e regressei a limpar-me aos lençoes.

Depois saí a revistar os pormenores do portal. Em cada folha de festão achei motivo para assombro. As miudezas physionomicas dos santos eram maravilhas de engenho e paciencia. O sóco das columnas primavam em lavores emblematicos: n'um era o quadro grandioso de Jesus ordenando serenidade ás ondas encapelladas, quando os descridos apostolos se julgavam comidos pelo mar. No outro edificava Moysés, recebendo as taboas da lei no monte Sinay, e os israelitas perjuros adorando ás abas da montanha o idolo incensado por Aarão. Os doze apostolos estavam ao longo da padieira enfileirados sob docel de trepadeiras, tão subtilmente lavradas que a folhagem parecia transluzir o sol nascente. O remate da cúpula era um quadrante de marmore circumdado de florões, e descançado sobre as espadoas de dois cherubins, que pareciam pedir ao sol o raio demarcador das horas.

— Cá está vmc. outra vez! — disse o lavrador, saíndo ao terreiro da casa.

— Não me farto de ver.

— Ora veja, e, se quer, venha d'ahi, que eu vou levar os bois ao pasto, e lá lhe contarei a passagem.

— Pois irei de muita boa vontade.

Tangeu elle o gado para dentro d'uma tapada de restôlho; sentou-se n'um combro, mandou-me sentar á sua beira, e fallou assim:

II

«Muito antes de eu nascer, um irmão de minha mãe, que Deus haja, ordenou-se, e foi para esses Brasis, á conta de umas rapaziadas que iam dando com elle nas unhas da justiça. Chamava-se padre Domingos Carneiro, Deus lhe falle n'alma.

«Meu amiguinho e sr., vae o homem para aquellas terras, que, pelos modos, o dinheiro lá é tanto como a praga, e péga o padre a enriquecer, que já media peças de duas caras aos alqueires!

«Estava elle lá havia coisa de vinte annos, quando mandou perguntar a minha mãe se poderia voltar para a terra. Minha mãe mandou-lhe escrever que viesse, porque a moça já tinha morrido, e os velhos tambem.

— Póde-me contar a historia d'essa moça? — interrompi eu com a grosseria desculpavel á curiosidade de um futuro chronista de moças.

«Homem! — respondeu o lavrador meditativo, deixemos em paz quem já lá está.

— Queira perdoar... eu pensei que...

«Deus lá sabe o que foi... Como eu lhe ia contando, meu tio padre Domingos, assim que recebeu a resposta, ensacou a riqueza, e veiu. Tinha eu sete annos. Ainda o estou a ver! Era um padre do tamanho d'aquelle sôbro! Trazia seis bahús que pezavam como chumbo!

«Vinha com elle um mulato já espigadinho, assim como vmc., e andava vestido como um pimpão! Este mulato chamava-se Vicente, e já vinha de lá com os latins sabidos para se ordenar. Assim que chegou foi para Braga tomar ordens, que custaram muitos centos de mil réis, porque n'aquelle tempo sangue de preto não recebia ordens senão a peso de oiro. Agora, pelo que oiço dizer, o estado manda aos mattos buscar pretos para os fazer padres. A religião está por um cabello! Veiu o padre Vicente para casa, e meu tio queria-lhe como ás meninas dos olhos. O que elle dissesse era o que se fazia. Lá dizia o mulato missa uma vez por outra; mas minha mãe, que era a verdade em pessoa, estando para morrer me disse que o padre Vicente algumas vezes, antes de ir celebrar missa, ia á prateleira da cozinha, e amolava os dentes nos bocados de carne que acertavam de ficar da ceia! Eu não quero com isto fazer mal á salvação do peccador. Deus lá sabe!...

«Ora pois. Meu tio, assim que chegou, entendeu logo em fazer uma casa. Chamaram-se os pedreiros melhores d'estas redondezas, e elle lá lhe fez as suas perguntas, e impontou-os, dizendo que fossem erguer socalcos, e escreveu para Lisboa a pedir obreiros do palacio real. Vieram logo seis para mestres da obra, e muitos d'outras partes para officiaes. O tio padre lá disse a sua idéa aos pedreiros e começou pela porta. Dois annos andaram a picar! Cada uma d'aquel-

las engenhocas mais pequenas que vmc. alli vê, levava duas semanas a fazer. Ha alli pedra que veiu lá da capital, e, posta alli de mão de obra, custou para riba de dois mil cruzados. Lá estão os assentos no caderno: podem-se ver.

«Acabou-se a porta, e alargou-se metade da casa, que pegava á outra por uma varanda. O palacio havia de romper por alli fóra, e depois lá adiante fazer um cotovelo, e desandar pela outra metade. A pedra estava toda cortada na serra e picada; o taboado já estava em rimas; a ferragem já tinha vindo de toda a parte do mundo; eis senão quando, meu tio morre d'um dia p'ro outro! Assim que os barbeiros lhe disseram que tratasse da sua alma, meu tio chamou minha mãe e meu pae, e disse já com a morte na garganta: — É chegada a minha hora. Ahi vos ficam muitos mil cruzados; meu afilhado Vicente vos dirá onde eu tenho enterrado o dinheiro, que escondi com medo dos ladrões. Recommendo-vos que trateis sempre o padre Vicente como se elle fosse vosso filho. Se elle quizer voltar ao Brasil, deixae-o ir, que elle tem de seu com que viver onde quizer. Recommendo-vos que acabeis a casa. O mestre das obras sabe a minha idéa. Na capella que se ha de fazer, mandareis enterrar os meus ossos e escrever na pedra o meu nome, e a era do meu nascimento e fim. Mandae dizer por minha alma oitocentas missas de esmola de cento e vinte. — Pouco mais disse, e fechou os olhos, abraçando-se no padre Vicente, chamando-lhe filho. Veja vmc.! Era filho d'elle o mulato! Que lhe parece?

— Parece-me tambem que sería filho.

«Deus perdoe a meu tio!... Era de casta! Vamos ao caso. Enterrou-se o defuncto, e fez-se-lhe um enterro de quarenta padres, e armou-se a egreja. Minha mãe pediu dinheiro para os gastos ao padre Vicente, e elle foi á adega, esteve lá um grande pedaço, e voltou com seis moedas de oiro em cruz. Logo meu pae farejou que o dinheirame grosso estava debaixo d'alguma cuba; mas não disse nada até ver, e atrigava-se de fallar n'isso em quanto o corpo do defuncto estivesse quente. Minha mãe bem lhe dizia: — toma conta do dinheiro, homem. — E meu pae que era um *bom serás*, dizia: — Ó mulher, deixa lá teu sobrinho; elle o trará.

«O padre dormia no sobrado da adega. Uma manhã ao outro dia do enterro, era já tarde e elle não apparecia. Tropou-se-lhe á porta, e elle nem por burro nem por albarda. — O homem deu-lhe alguma! — disse meu pae. Deu não deu, pr'áqui pr'álli, arrombe-se não se arrombe, cerca tem mão, ás duas por tres vem um ferro de monte, e foi a porta dentro. Estava vmc. lá na cama? nem elle. — Querem vocês ver que elle foi á villa e pernoitou por lá? — disse meu pae; e, n'isto, olha, e vê aberto o alçapão que dá para a adega. Vae a baixo: abre a porta: mette-se por traz das cubas e das pipas, e acha-se uma cova á guisa de caixote com umas taboinhas por dentro, e uma tampa de loiça alli para um lado. Meu pae deu um grito, e barregou: — O dinheiro foi-se, mulher! — E minha mãe pega a chorar, e tem-te não cáias, faltou-lhe o folego, e estendeu-se n'aquelle chão como morta!

«Acudiu o povo a saber o que era, e meu pae estava intalado que não dizia uma nem duas! A final de contas, meu amiguinho, o padre Vicente roubára o dinheiro!

Meu pae foi logo queixar-se ao juiz pedâneo e a todos os governos da comarca. Todos á uma lhe disseram que soubesse onde estava o ladrão, que elles o iriam prender. Onde estaria elle, se bem corresse!

«O grande caso é que os pedreiros foram-se logo embora, porque a nossa lavoira não dava para nada, e ficou assim a porta, e ficámos com meia casa alagada; e só depois que eu casei com minha mulher, que trouxe doze contos, é que eu pude ir erguendo aos pedaços casa que nos cobrisse. Ora aqui tem vmc.

— E do padre Vicente nunca mais soube noticias? — perguntei.

— A esse respeito não sei que lhe diga para não errar; mas aqui ha dois annos appareceu n'estas serras um romeiro que vinha da Terra Santa, e ia para Santiago de Compostella. Não pedia nada: sentava-se á porta dos lavradores; se lhe davam alguma tigela de caldo, comia; se lhe não davam nada, molhava codeas em agua, e comia-as. Elle era assim a modo de anegriscado, e os velhos de Bragadas começaram a espalhar que elle era o padre Vicente, que andava a fazer penitencia. O romeiro foi á sua vida por esse Barroso fóra; e eu tirei-me dos meus cuidados, e fui dar commigo em Mont'Alegre, onde elle andava. Enfitei-me bem n'elle, e a fallar-lhe a verdade o velho deu-me ares do outro; mas a coisa já lá ia ha mais de sessenta annos, como havia eu conhecêl-o? Quer sim quer não, fui-me ao *pelingrino*, e disse-lhe: «Vós d'onde sois?» E vae elle respondeu-me: «Não tenho patria: sou pó; o pó é do vento.» Fiquei como o outro que diz, sem pinga de sangue, que elle fazia uma cara, e punha os olhos no ceo, que era mesmo de um homem se *estarrecer!* E não lhe disse mais nada.

D'alli a mezes tornou o pobre a pedir em Bragadas, e outra vez o povo a dizer que era o padre Vicente. O rapazio perguntava-lhe se era o padre Vicente, e elle punha os olhos na terra, e dizia: «sou pó; o pó é do vento.»

— Sería elle?! — atalhei eu quasi convencido.

— Não vou jural-o; mas a verdade é que elle adoeceu n'esta aldeia, e uma noite saiu d'um palheiro onde dormia, e foi morrer á porta da minha adega.

— Não ha duvida nenhuma que era elle — acudi eu.

— Pois sim; mas um brasileiro do Arco disse-me que o padre Vicente Carneiro, ainda ha doze annos era bispo n'uma cidade dos Brasis.

— Sim?!

— É verdade.

— Nada! o padre Vicente era o peregrino que veiu aqui rematar a sua attribulada penitencia — redargui, agarrado á poesia funebre do lance.

— Será isso, será; mas então de quem é a alma que anda na adega?

— Pois anda lá uma alma?

— Ainda não lh'o tinha dito?! Ninguem lá entra, assim que é noite. Ouve-se remexer dinheiro, e arrastar ferros, e dar gemidos. Já lá tem ido padres, requerer a alma e fazer as rezas; mas é tempo perdido. Se não é a alma penada do padre Vicente, é a de meu tio, Deus lhe perdôe!... Vamos almoçar, que já tenho a boca sêcca...

Almocei e fui ás trutas.

À beira do rio Beça scismei muito nas almas dos padres Domingos e Vicente, e confesso que me puz a caminho, em quanto era dia, com medo de encontral-as ambas, ou pelo menos uma das almas.

Pensando n'este caso vinte e dois annos depois, de mim para mim tenho, que o padre Vicente não era o peregrino que morreu á porta da adega do sr. João Barroso. O padre inquestionavelmente morreu bispo. Se morreu em cheiro de santidade não ouso asseveral-o sem ler os necrologios. Vou averiguar isso.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EL GORDITO, BANDERILHEIRO HESPANHOL

Antonio Carmona, *el Gordito*, é actualmente o *banderilheiro* (capinha ou antes farpeador) mais afamado da Hespanha. Apesar de ser tão gordo que lhe pozeram

a alcunha por que é conhecido e victoriado nas praças, não ha toireiro mais agil nem destro que elle.

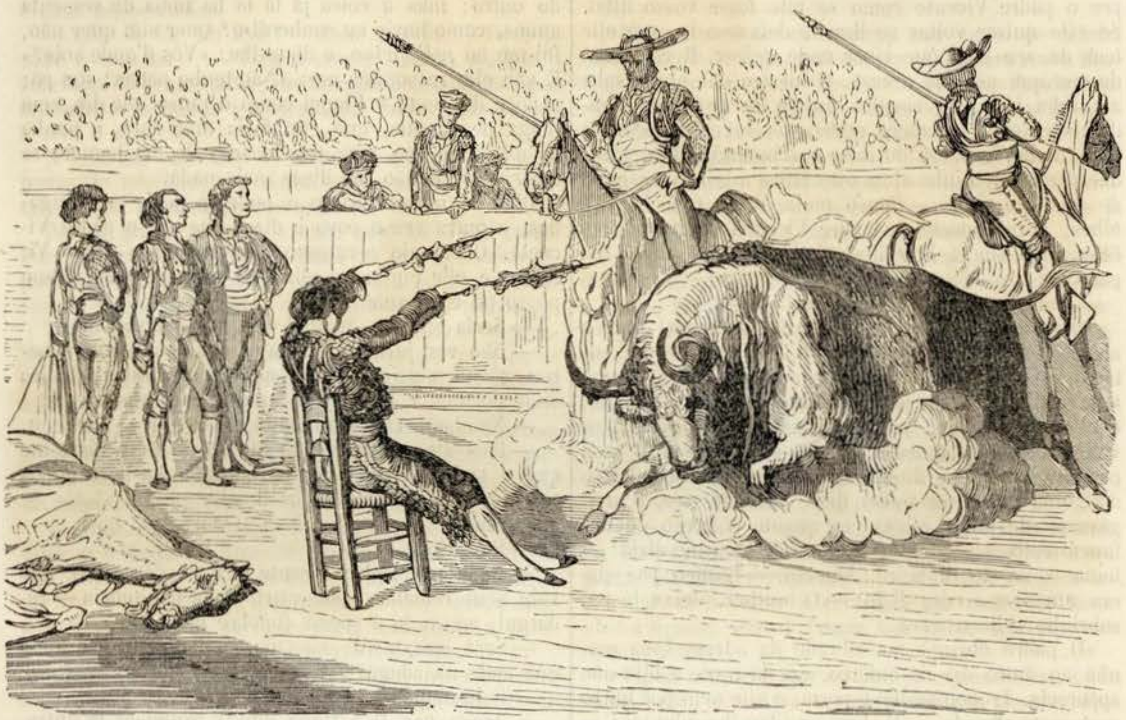
Representa-o a nossa gravura sentado n'uma cadeira esperando o toiro á saída da gaiola, para lhe metter um par de garrochas.

O desenho foi tirado do natural pelo celebre artista francez Gustavo Doré, que o viu toirear na praça de Valencia. O texto, escripto por M. Villier, diz assim:

«O quarto boi era esperado pelos espectadores com visivel impaciencia, porque estava annunciado que o *Gordito* metteria um par de *banderilhas* sentado n'uma cadeira. Pareceu-nos isto impossivel; mas pouco tardou que vissemos o famoso *banderilheiro* saír-se d'este lance perigoso com toda a galhardia. Soou um clarim annunciando a entrada do boi. Um rapaz veiu pôr no meio da praça uma cadeira de palhinha, em que o *Gordito* se assentou, com duas farpas nas mãos, esperando a investida do animal. Saíu o toiro da gaiola, e attrahido pelas capas do *chulos* (assim chamam os hespanhoes aos capinhas), tomou logo o *Gordito* por ponto de mira. Milhares de peitos arfavam com receio do perigo a que o viam exposto. O toiro cresceu para elle levantando com as patas turbilhões de poeira; quando estava a dois passos da cadeira, um immenso grito de terror se diffundiu por todo o amphitheatro; e nós apenas vimos o *Gordito* levantar os braços, e ladear rapidamente fazendo uma piroêta. O toiro enfurecido por sentir o ferro no corpo e por ver fugir o seu aggressor, fez voar a cadeira a grande altura, e seguiu o seu curso, levando pendentes as duas farpas.

É impossivel descrever o enthusiasmo que excitou a intrepidez e ligeireza do *Gordito*. Uma nuvem de chapéos alastrou a praça, com centenares de charutos, que o victorioso *banderillero* repartiu com os seus companheiros.»

O auctor francez, depois de descrever por menor todas as peripécias da corrida a que assistiu, sem disfarçar a repugnancia que lhe causou ver tantos caval-



El Gordito, banderilheiro hespanhol

los estripados, e alguns bois mortos á espada, ou tostados com garrochas de fogo, continúa a historia da arte de toirear em Hespanha, até que foi, officialmente, mandada ensinar como arte nacional, por decreto de 28 de maio de 1830, que fundou em Sevilha uma *universidade tauromachica*, sobre cuja porta se poz a seguinte inscripção: *Fernando* VII, *pio, feliz, restaurador, para la enseñanza perservadora de la escuela da tauromaquia.*

Crearam-se duas *cadeiras*, com bons ordenados; sendo *lente* da primeira o famoso *espada* Pedro Romero, aquelle que declarou á hora da morte haver matado 5600 toiros! Para lente da segunda cadeira foi despachado o celebre *capinha* Jeronymo Candido. Os alumnos começavam por se exercitar farpeando toiros de madeira; iam depois ao matadoiro picar os bois destinados para o açougue; passavam a correr novilhos embolados, e a final investiam com os bois desembolados, para receberem o grau de *doutores*. Esta eschola, porém, não subsistiu por muito tempo; e o celebre Montes, o Napoleão dos toireiros, que appareceu pelos annos de 1832, não saíu de tal eschola, que se fechou dentro em pouco, ridiculisada por nacionaes e estranhos. Estava reservado para o despota mais estupido dos tempos modernos, a instituição de uma *universidade para picar bois!*

Este barbaresco divertimento foi sempre commum a toda a peninsula, mas em Portugal nunca tão generalisado como na Hespanha: e sempre menos cruel, porque entre nós correm-se os toiros embolados, e ha muitos annos que se não matam á espada.

Em Portugal ha hoje poucos defensores das toiradas; já não attrahem a concurrencia de outros tempos: até está pendente das cortes uma proposta de lei para a sua prohibição como espectaculo publico. Em Hespanha tambem vae crescendo a opinião contraria a ellas: mas alli está este uso tão consolidado com os costumes nacionaes, que ainda d'aqui a cem annos se ha de fallar e escrever contra as toiradas, continuando a haver corridas.

Agora mesmo se trata de fazer nova praça de toiros em Lisboa, fóra das portas, para se demolir a do Campo de Santa Anna.

A controversia que por vezes se tem suscitado sobre a moralidade de similhante espectaculo, parecenos ociosa, pois se resolve e decide pela seguinte maxima universal: *Fazer mal aos animaes é indicio de mau caracter.*

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio